

CARTA À MINHA MÃE PRETA: UM ENSAIO SOBRE O ENCONTRO DE EPISTEMES E A CONDIÇÃO DO NEGRO¹

Letter to my black mother: an essay on the encounter of epistemes and the condition of the black

Carta a mi madre negra: un ensayo sobre el encuentro de epistemes y la condición del negro

THIAGO MACEDO DE CARVALHO²
ORCID: 0000-0002-3842-3717

RESUMO

Escrito em forma de carta, o presente ensaio propõe uma reflexão crítica sobre as tensões entre os saberes acadêmicos e aqueles historicamente deslegitimados, mobilizada a partir dos estranhamentos vivenciados por estudantes negros ao ingressarem na universidade. A mãe preta aqui evocada não se refere à figura debatida por Gilberto Freyre e Lélia Gonzalez no contexto da formação da sociedade brasileira; contudo, sua agência e seu saber, reconhecidos por Gonzalez, perpassam todo o ensaio. Por adotar a forma epistolar, a narrativa assume um tom dialógico, afetivo e pessoal, sem se limitar a um relato particularizado: a mãe — destinatária da carta — não é especificamente a do autor, mas uma imagem discursiva construída a partir de experiências compartilhadas. Fundamentada em referenciais teóricos e vivências reais, a carta converte-se em recurso metodológico para explorar o encontro entre diferentes epistemes. Inspirado nas obras de Frantz Fanon, Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro, o texto discute os processos de subjetivação e as relações de dominação implicadas na experiência universitária, questionando a pretensa neutralidade desse campo e os mecanismos que operam na hierarquização dos conhecimentos, ao passo que a mãe preta, longe de ser uma destinatária passiva, assume o papel de interlocutora crítica, cujas percepções e ensinamentos revelam as limitações do *ethos* acadêmico.

Palavras-chave: Carta; Ações Afirmativas; Saberes; Epistemicídio; Colonialidade.

ABSTRACT

Written in the form of a letter, this essay offers a critical reflection on the tensions between academic knowledge and those historically delegitimized, stemming from the sense of estrangement experienced by Black students upon entering the university. The Black mother evoked here does not refer to the figure discussed by Gilberto Freyre and Lélia Gonzalez in the context of Brazilian society's formation; however, her agency and knowledge, recognized by Gonzalez, permeate the entire essay. By adopting the epistolary form, the narrative assumes a dialogic, affective, and personal tone, without being confined to a particularized account: the mother —the letter's addressee— is not specifically the author's, but a discursive image built from shared experiences. Grounded in theoretical references and real experiences, the letter becomes a methodological resource to explore the encounter between different epistemes. Inspired by the works of Frantz Fanon, Lélia Gonzalez, and Sueli Carneiro, the text discusses the processes of subjectivation and the

¹ Registro meu agradecimento especial a Neville Santos pela leitura atenta da versão preliminar e pelos comentários que contribuíram para o aprimoramento deste ensaio.

² Doutorando e mestre em Sociologia pela Universidade de Brasília (PPGSOL/UnB), licenciado em Ciências Sociais pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG). Atualmente é professor de Sociologia no cursinho popular Movimento Educação Livre. Membro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) do IFG/Anápolis. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Desigualdades e crítica no Brasil contemporâneo (Describa) da UnB.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9614186253350786> **E-mail:** thiago_mcarvalho@hotmail.com

relations of domination involved in the university experience, questioning the supposed neutrality of this field and the mechanisms that sustain the hierarchy of knowledge, while the Black mother, far from being a passive recipient, takes on the role of a critical interlocutor whose perceptions and teachings reveal the limitations of the academic *ethos*.

Keywords: Letter; Affirmative Action; Knowledge; Epistemicide; Coloniality.

RESUMEN

Escrito en forma de carta, el presente ensayo propone una reflexión crítica sobre las tensiones entre los saberes académicos y aquellos históricamente deslegitimados, movilizada a partir de los extrañamientos vividos por estudiantes negros al ingresar en la universidad. La madre negra evocada aquí no se refiere a la figura debatida por Gilberto Freyre y Lélia Gonzalez en el contexto de la formación de la sociedad brasileña; sin embargo, su agencia y su saber, reconocidos por Gonzalez, atraviesan todo el ensayo. Al adoptar la forma epistolar, la narrativa asume un tono dialógico, afectivo y personal, sin limitarse a un relato particularizado: la madre —destinataria de la carta— no es específicamente la del autor, sino una imagen discursiva construida a partir de experiencias compartidas. Fundamentada en referencias teóricas y vivencias reales, la carta se convierte en un recurso metodológico para explorar el encuentro entre diferentes epistemes. Inspirado en las obras de Frantz Fanon, Lélia Gonzalez y Sueli Carneiro, el texto discute los procesos de subjetivación y las relaciones de dominación implicadas en la experiencia universitaria, cuestionando la supuesta neutralidad de este campo y los mecanismos que operan en la jerarquización de los conocimientos, mientras la madre negra, lejos de ser una destinataria pasiva, asume el papel de interlocutora crítica, cuyas percepciones y enseñanzas revelan las limitaciones del *ethos* académico.

Palabras clave: Carta; Acciones Afirmativas; Saberes; Epistemicidio; Colonialidad.

UMA REAPROXIMAÇÃO AFETIVA E EPISTÊMICA

Oi, mãe,

Separei um tempo para lhe escrever esta carta, contrariando a pressa e a urgência dos tempos atuais. Estava rememorando uma conversa que tivemos no início da minha graduação, na qual eu estava feliz e apreensivo por ingressar na universidade. A senhora estava orgulhosa, pois eu seria a primeira pessoa da família a cursar o Ensino Superior. Resultado das Ações Afirmativas³, especialmente a Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012), combinadas à oportunidade de ter concluído os Ensinos Fundamental e Médio – algo que devo à senhora, que sempre me apoiou dizendo: “Você vai virar alguém na vida”. Essa frase era um misto de incentivo, bronca e carinho, além de revelar nossa condição.

O curso escolhido, Ciências Sociais – te contei sobre as primeiras aulas e ouvi de volta: “Acho que você vai ser bom nisso; desde criança já era do contra”. Imaginei, na época, que a senhora não havia entendido minhas explicações, principalmente sobre a Sociologia. Tempos depois, me deparei com o seguinte trecho de um importante sociólogo: “A teoria crítica é crítica contra si mesma e contra os seus próprios defensores sociais” (Marcuse, 1997, p. 157). Então, percebi que a senhora havia compreendido melhor do que eu naquele início de carreira.

Estou feliz por fugir da correria da vida para te escrever. E dizem, mãe, que essa pressa toda – a qual dificulta o nosso reencontro – está vinculada à maneira como compreendemos e nos relacionamos com o mundo. Carregamos um sentimento de urgência e depositamos nos itens de desejo, nas metas e no futuro um valor muito elevado, se comparado ao que é dado às relações e ao tempo presente, deixando aquelas conversas que acompanham um cafezinho e um bolo de fubá para depois. As autorias que estudo nomearam de neoliberalismo esse momento do capitalismo. Ele impõe um novo modo de pensar e agir às pessoas (Dardot; Laval, 2016; Brown, 2019), condicionando suas vidas a uma precarização (Standing, 2014; Antunes, 2018) mais radical. A senhora, sempre muito sagaz, diria que a vida do nosso povo já era dura mesmo antes desse tal neoliberalismo – e tem toda razão.

³ Bernardino-Costa; Borges, 2021; Daflon; Feres Júnior; Campos, 2013; Feres Júnior; Daflon, 2014; Oliven; Bello, 2017.

DAS MÁSCARAS À REALIDADE

Pensando nisso, quero te apresentar um pensador chamado Frantz Fanon (1925-1961). Mas, mãe, não se engane pelo nome: dessa vez, não é um autor francês, inglês ou alemão, e sim um intelectual nascido na Martinica. Isso mesmo, o país mencionado na marchinha⁴ que a senhora cantarolava enquanto varria a casa ou regava as plantas. Hoje percebo como essa canção era problemática, mas esta carta não é sobre ela. Assim que vi a fotografia de Fanon no interior do livro *Pele Negra Máscaras Brancas* (2020 [1952]), rememorei o tio naquele instante. Mãe, ele é a cara do tio! Vou mandar um exemplar junto à carta, para a senhora conferir e responder depois se concorda.

Fanon escreve a partir do olhar de alguém que foi atravessado pelo colonialismo, igualzinho a gente aqui no Brasil, mãe, e, diante das condições materiais e subjetivas a que o negro é submetido, ele toma posição, escancarando essa zona de negação e desumanização. Mesmo sem ninguém pedir, ele o faz, sobretudo pelo dever de ser um intelectual negro, escrevendo como aquele que se rebela e indica o caminho para o quilombo:

Por que escrever essa obra? Ninguém me pediu que o fizesse. Muito menos aqueles a quem ela se dirige. E então? Então respondendo calmamente que existem imbecis demais neste mundo. E, tendo dito isso, compete a mim demonstrá-lo. Rumo a um novo humanismo... A compreensão entre os homens... Nossos irmãos de cor (Fanon, 2020, p. 21).

Pela primeira vez, uma leitura acadêmica me fez sentir mais próximo da senhora. Como se o livro do Fanon fosse produzido especialmente para nós, organizando o que sentimos, pensamos e vivemos. É um acadêmico que compreende e carrega as mesmas marcas econômicas, simbólicas, sociais e psicológicas que a gente, mãe. Ele reflete sobre vários pontos, mas quero destacar a relação da mulher negra com o homem branco do capítulo 2, em um contexto de subserviência: “ela não demanda nada, não exige nada, a não ser um pouco de brancura em sua vida” (Fanon, 2020, p. 58). Enxerguei nessa dinâmica, a relação que nossa família tem com o sobrenome de origem portuguesa. Embora alguns parentes o defendam com muito empenho, ninguém de fato conheceu esse *único* homem que batizou a família, sem considerar outro agravante: o sobrenome é apenas do lado paterno.

O discurso que nos chegou foi: o (pseudo) bisavô voltou para Portugal às pressas, sem poder levar a bisa com ele. Sabe, mãe, nunca engoli essa história. Como não conheci a bisa, soube, por intermédio da vó e de algumas tias, que esse tal português não foi pai, não foi marido, não foi arrimo e não contribuiu em nada com a nossa gente. Mas o que importava na época, era ter um sobrenome, como se fosse uma espécie de carimbo, de selo, uma validação de que somos humanos e brasileiros. E o sobrenome da bisa, será que alguém sabe? Qual é a história dela? De qual país da África ela foi arrancada?

Aproveito a reflexão para perguntar: e do seu lado da família, mãe? Me conte o que sabe, para que desses fragmentos possamos remontar parte da história. Sei, pela oralidade, que a bisa e o biso eram descendentes de negros com indígenas e que ela trabalhava de cozinheira e de empregada doméstica, enquanto ele era pescador. Como não há registro de seus sobrenomes para encontrar um lastro documental de suas origens – carregavam apenas homenagens aos santos católicos, seja no primeiro, seja no segundo nome, seguido pelo famoso “da Silva”. Qualquer informação pode ser de grande valia.

Fanon notou, portanto, que a racialização foi capaz de produzir um tipo de hierarquização dos corpos no interior das relações, não apenas no sentido econômico, mas também no sentido simbólico e subjetivo. Especialmente nesses contextos em que a violência colonial se apresenta de modo mais explícito, como no caso da bisa. O homem negro também não escapa essa armadilha⁵, contudo ela incide sobre a mulher negra de um modo distinto, pois o colonialismo aciona tanto o racismo quanto o patriarcado. Mais adiante, mãe, vou te falar sobre uma autora brasileira que parte desse lugar, o da mulher negra, expondo o racismo e o sexismo. Por ora, vou deixar um último trecho para te instigar a ler o intelectual que tanto se parece com o tio:

De modo algum deve a minha cor ser experimentada como uma tara. A partir do momento em que o negro aceita a clivagem imposta pelo europeu, ele não tem mais trégua, e, em vista disso, não é compreensível que tente ascender até o branco? Ascender na gama das cores às quais o branco atribui uma espécie de hierarquia? Veremos que outra solução é possível. Ela implica uma reestruturação do mundo. (Fanon, 2020, p. 84)

Às vezes fico pensando em quanta ingenuidade tive nos primeiros semestres da faculdade: li toda sorte de pensadores europeus e acreditei que a cisão entre o senso comum e o conhecimento científico demarcaria e separaria os saberes que herdei da senhora e aqueles que eu estava adquirindo como legítimos e superiores.

⁴ Refiro-me à marchinha “Chiquita Bacana” de Braguinha e Alberto Ribeiro, datada de 1949.

⁵ Vide o capítulo 3 de *Pele Negra Máscaras Brancas* (2020 [1952]).

Me perdoe, mãe. Ainda não tinha letramento racial suficiente para entender que a ciência ocidental foi ferramenta da sanha dos colonizadores por poder, riqueza e controle. Uma poderosa ferramenta, capaz de categorizar tudo e todos. Assim, encapsularam e classificaram os saberes dos povos indígenas e dos cativos de África como saberes passíveis de extermínio, apagamento e desvalorização – o *epistemicídio*. Aprendi esse conceito com uma intelectual chamada Sueli Carneiro (2023), e venho aprendendo muito com sua obra.

AS INTELLECTUAIS NEGRAS NOS CONECTAM

Como são as coisas, né, mãe? Precisei conhecer autores estrangeiros primeiro para só depois conhecer os intelectuais brasileiros. Fiz leituras geográfica e temporalmente distantes daqui, para então conseguir voltar e perceber o que tínhamos de tão valioso no passado e no presente. A lista é extensa, mas quero falar especialmente das pensadoras. Sim, mãe! Mulheres como a senhora, como minha irmã, como minhas tias, como minhas avós. Elas são Virgínia Bicudo, Carolina de Jesus, Lélia Gonzalez, Cida Bento, Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves, Ynaê Lopes dos Santos, Flávia Rios, Jacqueline Moraes Teixeira e tantas outras.

Da mesma forma que enxerguei o tio no rosto de Fanon, vejo a senhora no de Lélia Gonzalez. Pode ser que eu esteja projetando e, mesmo assim, é tão importante ver pessoas como a gente ocupando espaços que há tanto tempo desconsideraram nossa existência e nossa produção de saberes. É impressionante como Lélia sacudiu as estruturas, dentro e fora da universidade, atuando como intelectual e militante do Movimento Negro Unificado. É fundamental conhecer essas referências, pois, muitas vezes, nem nós mesmos nos vemos nessas posições. Afinal, existem certas imagens de controle (Collins, 2019) que atravessam a sociedade. Pensa comigo, mãe: quando a senhora imagina um(a) cientista, como essa pessoa é?

Me pergunto como teria sido se a vó tivesse saído do interior com a senhora ainda pequena, lá na década de 1940, rumo a uma grande metrópole, como fez a família de Lélia ao se mudar para o Rio de Janeiro, acompanhando seu irmão Jaime de Almeida, jogador de futebol contratado pelo Flamengo. Talvez a senhora e seus irmãos não tivessem sido retirados da escola para trabalhar no campo. Claro, nunca saberemos. E é verdade que, depois, vocês seguiram para São Paulo em busca de uma vida melhor. Contudo, naquele contexto, retomar os estudos não era uma alternativa viável: a senhora, já adolescente, trabalhava como lavadeira e passadeira para ajudar em casa e, logo depois, se casou e teve filhos. Lembro-me de quando também trabalhou como balconista de loja e, mais adiante, como babá.

E, mãe, sei como esse assunto é delicado, mas não se envergonhe por não ter concluído os estudos. Isso não é culpa sua, nem da vó, muito menos estava escrito para ser assim. Mulheres negras enfrentam um duplo fenômeno: a misoginia e o racismo. Se acrescentarmos o recorte de classe, os caminhos se tornam ainda mais atravancados. Por isso te falei de Lélia Gonzalez: ela expõe esse cenário ao discutir as bases do pensamento social brasileiro e como ele se estrutura nas desigualdades que garantem o privilégio da elite, branca e masculina. Dentro dessa lógica, tentam relegar a mulher negra a um lugar de subserviência e hipersexualização (Gonzalez, 1984).

Nessa encruzilhada, há o mito da democracia racial, que busca negar a existência do racismo a todo custo. Lélia também observou e escreveu sobre esse mito, e é por isso que coloquei um trecho logo abaixo. A intelectual ironiza essa negação e ocultamento do racismo, apresentando um discurso do cotidiano para exemplificá-lo – um discurso que a senhora infelizmente presenciou inúmeras vezes.

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com as feições tão fina... Nem parece preto (Gonzalez, 2020 [1984], p. 48).

Sei que a senhora não é ingênua e entende bem a diferença que faz nascer negro ou branco neste país; tanto que minhas primeiras lições sobre essas relações vieram da senhora. Ainda assim, precisamos ficar espertos com a negação e a omissão do racismo, reproduzidas diariamente. Elas acabam ressoando em nós e, quando individualizamos nossas trajetórias, corremos o risco de internalizar uma culpa que não é nossa. Isso me lembra outro conselho seu: o de que era preciso ser duas vezes “melhor”, sempre duas vezes “mais”, isto é, duas vezes mais esforçado, mais esperto, mais atento, mais arrumado, mais cheiroso, mais simpático, mais prestativo e, sobretudo, mais inteligente, pois era a única maneira de chegar a algum lugar na vida. Quando criança, achava essa fala tão injusta e contraditória, mas bastou ocupar outros espaços para perceber que a

dedicação precisava ser sempre em dobro. Compreendi também, por intermédio da música dos Racionais MC's (2006), que esse conselho é coletivo, não particular:

Tem que acreditar, desde cedo a mãe da gente fala assim / Filho por você ser preto você tem de ser duas vezes melhor / Ai passado alguns anos eu pensei, como fazer duas vezes melhor? / Se você tá pelo menos 100 vezes atrasado, pela escravidão / Pela história, pelo preconceito, pelos trauma, pelas psicose. (RACIONAIS MC'S, 2006).

DOS MUROS MODERNOS À RESSIGNIFICAÇÃO DO ENCONTRO

Na universidade não é diferente, têm aqueles que subestimam a capacidade cognitiva de pessoas negras. Quando não, existe uma resistência em relação ao repertório que carregamos: por mais amplo e complexo que seja, dificilmente ele é considerado relevante. É como se fosse necessário vestir outra pele ou ser outra pessoa – uma que não fosse moldada pelas nossas vivências, mas por outra forma de existir no mundo. Isso gera uma dupla consciência (Du Bois, 2021), decorrente dessa perspectiva cindida.

Ainda assim, é impressionante como alguns colegas parecem possuir certos saberes e modos de agir que se encaixam perfeitamente no campo acadêmico, o que lhes permite circular com facilidade entre disciplinas, pesquisas e textos. Se não fossem as Ciências Sociais, eu até acreditaria que nasceram para esse espaço, naturalizando fenômenos que, na verdade, são históricos, sociais, econômicos e políticos. Talvez por isso, mãe, eu goste tanto de estudar esses processos. É uma maneira de compreender suas dinâmicas e, ao mesmo tempo, contestá-las.

Por vezes, a universidade é um ambiente frio, solitário e excludente, que reproduz a competitividade da sociedade capitalista e pouco favorece o acolhimento. Bem diferente do que a senhora me ensinou: que devemos tratar as pessoas com a hospitalidade de quem recebe uma visita para compartilhar um café com bolo, e que um sorriso ou uma palavra gentil pode transformar o dia de alguém. Por isso, mãe, procuro tratar da melhor forma possível as pessoas que encontro por aqui, sejam recém-chegadas ou não, independentemente da posição que ocupam.

Também tenho encontrado colegas, como estudantes e professores, que cultivam essa mesma postura de acolhimento e gentileza. Infelizmente, eles ainda são minoria no ambiente universitário e, em geral, vêm de origens humildes ou desenvolveram uma consciência crítica que os faz reconhecer as desigualdades e os privilégios presentes nas dinâmicas sociais. Do contrário, os privilégios, somados à falta de consciência, parecem enclausurar as pessoas em si mesmas.

Essa individualização extrema, outro efeito do neoliberalismo, dificulta a construção de uma vida coletiva (Dardot; Laval, 2016). Quando eu era pequeno, a senhora contava sobre comunidades em que todos se conheciam, as crianças eram criadas juntas e as portas das casas permaneciam destrancadas. Existia um espaço público e comunitário, para além da escola formal, onde se almejava o bem comum. De certo modo, eu e meus colegas tentamos trazer esse modo de socialização para dentro da universidade. Imagino que as experiências dessas comunidades guardem, em alguma medida, traços de ancestralidades africanas e/ou indígenas, pois não se alinham à lógica colonial e capitalista.

Agora a senhora conhece um pouco dos desafios que enfrento na academia. Mas não se preocupe, mãe: mesmo quando bate a vontade de largar tudo e fugir, eu respiro fundo. Lembro das minhas origens, do caminho percorrido até aqui e do compromisso de não voltar com as mãos vazias.

Sou o terror dos clone / Esses boy conhece Marx, nós conhece a fome / Então cerra os punho, sorria / E jamais volte pra sua quebrada de mão e mente vazia” (Emicida, 2013).

Ai, maloqueiro / Ai, maloqueira / Levanta essa cabeça (vem) / Enxuga essas lágrimas, certo? (É você memo) / Respira fundo / E volta a correr (vai) / Cê vai sair dessa prisão (aham) / Cê vai atrás desse diploma / Com a fúria da beleza do Sol, entendeu? (É isso) / Faz isso por nós / Faz essa por nós (vai) / Te vejo no pódio” (Emicida, 2019).

Ô, mãe, posso ser sincero? Além do aprendizado, da resignificação e da partilha de saberes, há outro motivo que me mantém na universidade: eu não gostaria de voltar ao trabalho braçal. Sei que não há demérito algum em trabalhar, independentemente da natureza da atividade, e isso a senhora sempre fez questão de nos ensinar: “nunca se envergonhe de trabalhar; todo trabalho é digno”. Mas encontrei na pesquisa e na licenciatura um tipo de trabalho que me afasta desse contexto. Prefiro passar horas e horas lendo livros, assistindo a aulas

e palestras, apresentando seminários, preparando e ministrando aulas, realizando pesquisas (em grupo ou sozinho) e escrevendo páginas intermináveis diante do computador. Aqui, tenho acesso a um banheiro limpo, água e, por vezes, até um cafezinho. Também recebo bolsa de uma agência de fomento à pesquisa e à educação superior. Não é tanto dinheiro assim, há meses em que preciso complementar a renda, fazendo um “corre” aqui e outro ali, mas, sem a bolsa, seria impossível seguir na carreira acadêmica. E, particularmente, essa vida me agrada muito mais do que passar o dia inteiro sob o sol, carregando e descarregando caminhão.

Por falar em estudo, mãe, não esqueça que te mandei, pelo *WhatsApp*, uma lista com as escolas que oferecem EJA perto de casa. Eu e meus irmãos crescemos, estamos todos bem, cada um vivendo sua vida como pode e quer. Agora, a senhora tem a chance de concluir a Educação Básica com calma, no seu tempo, sem a pressão de antes. Eu estarei aqui para te apoiar, assim como você sempre fez por mim. Quem sabe, um dia, não te recebo na universidade como caloura?

SABER-SE NEGRO

Prometo que estou finalizando a carta, apesar de saber que a senhora não se incomoda com longas conversas. É que há algo que preciso dizer antes de encerrar. Existe uma cena que vi se repetir diversas vezes, tanto na infância quanto agora. Hoje, tomo coragem para falar – não que seja um mistério ou algo que a senhora desconheça. Mãe, a senhora não é “morena”, não é “mulata”, nem “escurinha” e muito menos qualquer outro eufemismo que tentaram usar para suavizar o que somos, como se fosse necessário. Sei que pode soar estranho, e até imagino a senhora respondendo a esse pedaço de papel em voz alta: “Tenho espelho em casa, garoto, lógico que sou preta!”.

Apenas quero dizer que ser preta ou preto não é algo que necessite ser suavizado, sem ignorar o fato de que essa “atenuação” é resultado de séculos de desumanização e escravidão. Por exemplo, mãe, no nosso idioma existe o verbo transitivo direto “denegrir”, cujo sentido estrito equivale a “tornar negro” (enegrecer); contudo, constam também no dicionário outros sentidos, como sinônimo de difamar e desonrar alguém.

Quantas vezes tentaram evitar a palavra “negro” para se referir a nós – ainda que pretos e pardos constituam esse grupo –, como se quisessem nos preservar de alguma maldição. Mesmo entre familiares, usavam de tudo para não dizê-la. Ainda hoje me lembro daquela analogia absurda e muito comum, envolvendo as horas do dia, que o dono do mercadinho do bairro usava para classificar as pessoas: “Fulana é mais para meio-dia, já Ciclana é mais para seis horas da tarde”. Tudo, menos “negra”.

E, caso um de nós nascesse com a pele um pouco mais clara – como no meu caso, o tal do “pardo” –, surgiam outras falas provenientes da neurose cultural brasileira (Gonzalez, 2020). Trago, mãe, o relato de um importante ativista e intelectual do Movimento Negro da década de 1970:

Os filhos vão nascer bem divididos, dos seus seis filhos, três ou quatro com a pele mais escura pro lado de minha mãe, e pelo menos dois com a pele mais clara. Eu sou o segundo filho, meu irmão, mais velho, com diferença de um ano e pouco, nasceu com a pele bastante escura, como minha mãe, e eu nasci com a pele mais clara, como meu pai [...]. Eu era visto por parentes como o branco da família. Só que a pronúncia não era assim ‘branco’. Era *brrrrrrrranco*, com uma ênfase no R, como querendo salientar que não é bem branco no sentido dos outros [...]. (Cardoso *apud* Carneiro, 2023, p. 152, grifo meu)

Isso é o retrato de um país que não sabe – e não quer saber – lidar com o racismo, fazendo da negação e da omissão sintomas dessa neurose que Lélia Gonzalez conceitua em sua obra. Aproveito para te enviar um exemplar de *Por um feminismo negro afro-latino-americano*, organizado por Flávia Rios e Márcia Lima, com textos da autora. Assumir essa identidade não é fácil, principalmente considerando o contexto em que a senhora nasceu e cresceu, quando, na juventude, precisava alisar o cabelo utilizando duas toalhas e um ferro de passar roupa, para que pudesse ser notada e referida como alguém bonita. Entretanto, sei que a senhora nunca negou nem teve vergonha de ser quem é.

É interessante notar que a identidade negra pode parecer algo externo, mas, na verdade, é uma elaboração que parte da experiência Um tornar-se a ser, e não uma condição dada (Souza, 2021). E cabe a nós dizer quem somos. Por isso, mãe, se te chamarem de negra, diga com orgulho: “Sou!”. E, se te chamarem de outra coisa, corrija-os:

Negra sou
Negra! Sim
Negra! Sou
Negra! Negra! Negra!

Negra sou
De hoje em diante não quero
Alisar meu cabelo
Não quero
E vou rir daqueles
Que para disfarçar sua dor
Nos chamam de gente de cor
E que cor!
Negro
E que lindo soa! (Cruz, 1960)

Estou feliz por ter escrito esta carta e por saber que a senhora estará aí, do outro lado, lendo cada palavra. Sei que a carta ficou grande, mas, depois que entrei para as Ciências Sociais, peguei o hábito da escrita alongada. E, quando a senhora não estiver mais aqui – não que eu esteja preparado para isso –, saiba que te levarei comigo. Sua voz continuará ecoando nos meus pensamentos, na minha escrita, nos saberes que me transmitiu e nos bons momentos que compartilhamos.

A senhora me ensinou a ser sagaz e dedicado, sobretudo curioso. E, se eu sou “do contra”, realmente foi porque tive uma excelente professora: minha primeira referência na sociologia da vida.

Obrigado, mãe. Te amo!

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; BORGES, Antonádia. Um projeto decolonial antirracista: ações afirmativas na pós-graduação da Universidade de Brasília. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 42, e253119, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.253119>. Acesso em: 22 fev. 2025.
- BRAGUINHA; RIBEIRO, Alberto. *Chiquita Bacana*. Intérprete: Emilinha Borba. [S.l.]: Odeon, 1949. 1 disco (78 rpm).
- BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. *Presidência da República. Casa Civil*, Brasília, DF, 29 ago. 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm. Acesso em: 22 fev. 2025.
- BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente*. São Paulo: Politeia, 2019.
- CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- CRUZ, Victoria Santa. *Me gritaram negra*. 1960. São Paulo: Portal Geledés, 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/me-gritaram-negra-a-poeta-victoria-santa-cruz/>. Acesso em: 12 maio 2025.
- DAFLON, Verônica Toste; FERES JÚNIOR, João; CAMPOS, Luiz Augusto. Ações afirmativas raciais no ensino superior público brasileiro: um panorama analítico. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 43, n. 148, p. 302–327, jan./abr. 2013.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DU BOIS, William Edward Burghardt. *As almas do povo negro*. São Paulo: Veneta, 2021.
- EMICIDA. AmarElo. In: EMICIDA. *AmarElo*. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019.
- EMICIDA. Levanta e Anda. In: EMICIDA. *O glorioso retorno de quem nunca esteve aqui*. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2013.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- FAUSTINO, Deivison. Frantz Fanon: capitalismo, racismo e a sociogênese do colonialismo. *SER Social*, Brasília, v. 20, n. 42, p. 148–163, 2018.
- FERES JÚNIOR, João; DAFLON, Verônica Toste. Políticas da igualdade racial no ensino superior. *Cadernos do Desenvolvimento Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 31–44, 2014.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo negro afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, p. 223–244, 1984.
- MARCUSE, Herbert. *Cultura e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- OLIVEN, Arabela Campos; BELLO, Luciane. Negros e indígenas ocupam o templo branco: ações afirmativas na UFRGS. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 23, n. 49, p. 339–374, 2017.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. *Perú Indígena*, v. 13, n. 29, 1992.

RACIONAIS MC'S. A vida é um desafio (ao vivo). In: RACIONAIS MC'S. *1000 Trutas, 1000 Tretas*. São Paulo: Cosa Nostra, 2006.

RIOS, Flávia; KLEIN, Stefan. Lélia Gonzalez, uma teórica crítica do social. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 37, p. 809–833, 2022.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Data de submissão: 22/04/2025

Data de aceite: 24/10/2025

Data de publicação: 15/12/2025